



PLANTANDO SAÚDE NO TERRITÓRIO

Inúmeras iniciativas no Brasil, surgidas no meio acadêmico, no SUS, na parceria entre organizações sociais e em comunidades tradicionais, agregam agroecologia, cadeias produtivas e diversas interlocuções que garantem alimentos e ambientes saudáveis. Na atual edição o ObservaPICS mostra avanços nesse campo e apresenta uma articulação para aproximar agricultores de trabalhadores, gestores e usuários do SUS.

CIÊNCIA - página 5
PICS no mapa nacional da agroecologia

REFLEXÃO - página 8
Troca de saberes em redes de cuidado

LEITURA - página 10
Livro aborda cultivo de plantas medicinais

REPARE: VEM AÍ UMA NOVA CONEXÃO

Chegamos ao final de 2020, um ano difícil para todos diante de uma pandemia repleta de desafios sanitários, sociais, econômicos e políticos. Mais do que nunca a crise revelada pela Covid-19 aguçou os pensamentos sobre a qualidade de vida e relação do homem com o planeta Terra. Como queremos viver? Como devemos viver? Que vida deixaremos para as novas gerações? A reflexão interessa sobretudo à saúde pública e a seus aliados, como a agroecologia. O Brasil é um celeiro de experiências bem sucedidas, baseadas num diálogo e articulação entre os dois campos. No território dos saberes tradicionais e das práticas integrativas e complementares em saúde, a conexão favorece a preservação da cultura local, formação e produção de plantas medicinais, estimula uma alimentação viva e fortalece os recursos naturais, sem os quais não há floresta e oxigênio para respirar, nem água para nutrir e renovar a vida. Nossa sexta edição aborda essa aproximação, relatando projetos, vivências e pesquisas. Iniciemos 2021 pensando em novos caminhos! Boa leitura!

ÍNDICE

- 3 Ciência** – Observatório agrega projetos de pesquisa sobre agroecologia, práticas e cuidados
- 5 Ciência** – Mapa da saúde e da agroecologia no Brasil
- 6 Experiência** – RedesFito e outras iniciativas da Fiocruz fortalecem aproximação do SUS com os territórios
- 8 Reflexão** – Nelson Filice de Barros expõe projeto sobre troca de saberes
- 10 Indicação de leitura** – Plantas medicinais e cuidados em saúde
- 12 Parcerias** – Mais de 12 mil pessoas ouvidas pela PICCovid

PAINEL DO LEITOR

Medicina de povos tradicionais afro-brasileiros

"Gostaria de disponibilizar o artigo *Territórios do cuidar: comunicação e memória nas medecinas dos povos tradicionais afro-brasileiros, que publiquei na Revista Reciis, 14(3):644-655, jul.-set.2020*": <https://pesquisa.bvsalud.org/porta/portal/resource/pt/biblio-1121790>

Adriana de Holanda (ENSP, Fiocruz-RJ).

Controle social em defesa das PICS

"Estou no CES/SP representando a igreja e os movimentos populares. Estamos em luta e conseguimos aprovar um GT sobre PICS para fazer o Estado de São Paulo implantar as práticas integrativas e complementares em saúde nos 645 municípios."

Maria Isabel Panaro (Conselho Estadual de Saúde - SP)

EXPEDIENTE

Evidências é o boletim quadrimestral do Observatório Nacional de Saberes e Práticas Tradicionais, Integrativas e Complementares em Saúde, com sede na Fiocruz Pernambuco*. A publicação é digital e pode ser acessada gratuitamente pelo site <http://observapics.fiocruz.br/boletim/>. É permitida a reprodução das informações aqui divulgadas, desde que citada a fonte, sendo proibido o uso para fins comerciais.

Equipe Responsável

Islândia Carvalho (Coordenação geral), **Maria Eduarda Guerra** (assistente da coordenação), **Veronica Almeida** e **Fabiola Tavares** (redação e edição), **Bruno Leite** (diagramação).

Conselho Editorial

Pesquisadores **Adriana Falangola** (UFPE), **Bernardo Coutinho** (UFC e CABSIn), **Carmem Verônica Abdala** (BVS/MTCI), **Charles Tesser** (UFSC), **Daniel Amado** (CNPICS) **Daniilo Guimarães** (USP), **Islândia Carvalho** (Fiocruz PE), **Joseane Costa** (Unifesspa), **Madel Therezinha Luz** (UERJ), **Maria Eduarda Guerra** (Fiocruz PE), **Mariene Nascimento** (UFF e Abrasco), **Nelson Filice de Barros** (Unicamp) e **Paulo Basta** (ENSP/Fiocruz).

*Fiocruz PE - 4º andar, Sala 8, Campus da UFPE, Cidade Universitária, Recife-PE. Contato preferencialmente pelos e-mails coordenacao@observapics.com e divulga@observapics.com (este último para assuntos do site e do boletim).



@observapics



@observapics



@observapics



divulga@observapics.com

UM ENCONTRO DO CAMPO COM A SAÚDE PÚBLICA



Horto terapêutico em Barreirinhas (MA) / Foto: Pedro Carlessi.

O que você tem feito para reequilibrar sua relação com o meio ambiente e se sentir mais saudável? Que tal começar pelo que está em sua volta? Inúmeras iniciativas no Brasil, surgidas no ambiente acadêmico, no SUS, em parcerias entre organizações sociais e em comunidades tradicionais, agregam agroecologia, cadeias produtivas e ações colaborativas diversas para a garantia de alimentos seguros, práticas e ambientes produtores de saúde.

Atento à importância dessa aproximação entre a promoção da saúde nas comunidades e o conceito de sustentabilidade com desenvolvimento local, o ObservaPICS encerra 2020 iniciando a construção do Projeto Repare. “O termo que dá nome ao projeto é ao mesmo tempo um convite e uma lembrança: ao invés de lidar com as plantas estritamente enquanto matéria-prima para a produção de medicamentos, o Repare aposta nas dimensões intersubjetivas dessa materialidade e no encontro entre diferentes formas de produzir entendimento sobre o processo saúde-doença. Essas dimensões são ancoradas na produção

do cuidado pela mediação de saberes técnicos e não-técnicos”, explica o pesquisador Pedro Carlessi, doutorando em saúde coletiva na Universidade de São Paulo (USP) e um dos colaboradores do ObservaPICS.

A iniciativa reúne estudiosos e ativistas da agroecologia, das PICS e do SUS, para aproximar e proporcionar uma colaboração forte e permanente entre a agricultura familiar sustentável, educadores, pesquisadores, trabalhadores e gestores da saúde pública brasileira. “O observatório cria essa articulação a partir de três iniciativas que devem possibilitar em 2021 a construção de um painel, inicialmente com informações sobre atores locais da agroecologia, como a agricultura familiar voltada à produção de plantas medicinais, e as experiências municipais com serviços de Farmácias Vivas e produção de fitoterápicos”, completa Islândia Carvalho, coordenadora do ObservaPICS. Segundo a pesquisadora da Fiocruz, a ideia é unir pequenos agricultores e gestores do SUS, aproximando a demanda da capacidade de produção local, fomentando os dois lados.

TROCA DE INFORMAÇÕES

Com as informações disponíveis, gestores do SUS saberão se na sua região há grupos ou famílias produzindo plantas medicinais ou com capacidade para isso. Enquanto os agricultores vão conhecer, na redondeza, se o sistema público de saúde poderá ser a porta de entrada para o que está brotando na horta e no pomar.

De acordo com Islândia Carvalho, em São Bento do Sul (SC) já existe uma aproximação com agricultores locais, “num ciclo que envolve o cuidado com a terra, com as relações de trabalho e com o paciente”. Através de um programa que fomenta ações de preservação ambiental, alguns produtores passaram a cultivar plantas medicinais como a Espinheira Santa. “Na ervanaria municipal nós trabalhamos com plantas obtidas de hortas comunitárias, principalmente. Essas plantas são beneficiadas atendendo critérios de qualidade sanitários e depois são entregues à população a partir da solicitação de um profissional de saúde”, informa a farmacêutica Ana Carla Prade, de São Bento do Sul.



Foto: Pedro Carlessi.

continua na próxima página ▶

▼ continuação



Barreirinhas (MA) / Foto: Pedro Carlessi

PAINEL E ITINERÁRIOS DA FITOTERAPIA: O FAZER CIENTÍFICO COMPARTILHADO

O painel que dará a base à interlocução pretendida pelo ObservaPICS entre o SUS e a agricultura familiar, será alimentado com mapeamentos em construção por três projetos de pesquisa. Um deles mapeia os serviços de plantio e beneficiamento de plantas medicinais e manipulação de medicamentos fitoterápicos no SUS, incluindo todos os arranjos organizativos. Com parceria direta do ObservaPICS, traça a cartografia da fito no país e teve início em setembro de 2020.

Cartografia da fitoterapia no SUS: dos itinerários do fazer às alianças do saber é desenvolvida por Pedro Crepaldi Carlessi, doutorando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e ao Departamento de Antropologia da Universidade de Lisboa (ULisboa).

Carlessi deu início ao levantamento de informações e ao trabalho de campo, visitando experiências em diferentes municípios brasileiros. A expedição começou por Barreirinhas, no Maranhão. Conhecida como o Portal dos Lençóis Maranhenses, tem mais de 62 mil habitantes. No mesmo estado, foram visitados hortos terapêuticos na Região Metropolitana de São Luís e no município de Pastos Bons, "onde o cultivo de plantas medicinais é elemento de articulação intersetorial entre as Secretarias de Saúde e de Meio Ambiente", informa o pesquisador. Outra experiência conhecida em 2020 foi a Farmácia da Natureza, em Jardinópolis (SP), que fornece medicamentos para a rede local.

"São dois objetivos principais que nos guiam neste momento. O primeiro, procura mapear os serviços de fitoterapia do território nacional. Para isso, partimos da construção de uma cartografia que se inicia com a identificação, feita a partir de dados secundários fornecidos pelo Ministério da Saúde, e validação da existência dos serviços via contato telefônico com os responsáveis pela execução e/ou gestão no município ou Estado.", explica o pesquisador.

Segundo ele, "o projeto procura registrar como os diferentes arranjos organizativos dos serviços de fitoterapia produzem realidades igualmente distintas sobre os

modos de produzir cuidado e de significar o adoecimento, a promoção e recuperação da saúde".

O último mapeamento nacional dos serviços fitoterápicos do SUS, informa Carlessi, é de 2009, realizado pelo Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde. "Desde então mais de 81 projetos foram apoiados pelo Departamento de Assistência Farmacêutica do MS, enquanto outros se fortaleceram com arranjos organizativos próprios de seus territórios, que pretendemos conhecer agora", completa.



DADOS ABERTOS

Cartografia da fitoterapia no SUS poderá ser acompanhada a partir de 2021 pelo site do ObservaPICS, onde será divulgado o passo a passo do estudo, os primeiros achados e o fazer científico. Esse projeto agrega além da USP e da Unicamp, a Rede ArticulaFito, trabalhadores, gestores e usuários dos serviços públicos voltados ao uso de plantas medicinais.

Outro projeto, em execução pelo Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas da Universidade Estadual de Campinas (Lapacis/Unicamp), sob coordenação do professor Nelson Filice de Barros, estuda as Farmácias Vivas Tipo 1, que são estruturas presentes no SUS para cultivo e dispensação de plantas medicinais.

Também vai colaborar para o novo painel do observatório o projeto **Cadeias de Valor**, em curso e sob o comando da pesquisadora Joseane Costa, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e da Fiocruz, com financiamento do Ministério de Desenvolvimento Agrário. Estuda diferentes organizações locais no Norte do Brasil, identificando modelos e práticas de cuidado.



Foto: Experiência com plantas medicinais/ Divulgação Fórum Itaboraí-Fiocruz Petrópolis.



Foto: Área de Reforma Agrária no Rio de Janeiro/ Lávsa/ESPSJV/Fiocruz/Divulgação Nelson Bernardes.

PRÁTICAS EM SAÚDE E AGROECOLOGIA MAPEADAS DO NORTE AO SUL

Recente mapeamento *Tecendo redes de experiências em saúde e agroecologia*, realizado numa iniciativa da Agenda de Saúde e Agroecologia da Fiocruz em parceria com a Associação Brasileira e a Articulação Nacional de Agroecologia, revelou a existência de 113 iniciativas em andamento, 36 já concluídas e 16 paralisadas ou interrompidas no país. O caráter pedagógico, de formação, pesquisa e de extensão é frequente entre os projetos, assim como ações voltadas à produção de alimentos e à promoção da saúde, destacando-se o trabalho com plantas medicinais.

“Mais de 70% responderam que atuam em rede, por meio de movimentos, associações, comissões, centros, fóruns, por exemplo, e 98% relataram interesse em colaborar em redes de saúde e agroecologia”, diz Lorena Portela, da Agenda Saúde e Agroecologia da Fiocruz, coordenadora do mapeamento. Segundo ela, também foi observada “a diversidade de tipos de experiências e práticas em saúde e agroecologia, com o protagonismo de pessoas do sexo feminino”.

Lorena explica que as práticas agroalimentares reveladas “são majoritariamente quintais socioprodutivos”, agregando mais de um ator. Sobre as experiências relacionadas a práticas integrativas, as ligadas às plantas medicinais e fitoterapia têm grande destaque, havendo também experiências com aromaterapia, meditação, homeopatia, entre outras. Foram cadastrados projetos com práticas populares de saúde e de comunidades tradicionais, sobretudo quilombolas e povos indígenas, incluindo a produção de remédios caseiros, reza, entre outras.

No conjunto também foram registradas experiências de comunicação, gestão, assim como as relacionadas à captação de água da chuva, compostagens e tratamento ecológico de esgoto.

QUILOMBOLAS E INDÍGENAS

Quanto aos sujeitos envolvidos, são identificados educadores e estudantes, agricultores familiares, camponeses, movimentos sociais e profissionais de saúde. Entre os povos tradicionais, comunidades quilombolas destacam-se, seguidas de povos indígenas, principalmente Guarani.

O Sudeste e o Nordeste são as regiões com mais atividades cadastradas em saúde e agroecologia.

Rodas de conversa e oficinas para compartilhar conhecimentos e vivências estão presentes nos projetos. “Contribuir para a preservação da cultura presente nos territórios rurais, disseminar o conhecimento à população, exercitar o direito à cidade e à autonomia cidadã, independência financeira e integração de parcerias” estão entre as motivações mencionadas, informa o relatório com os primeiros resultados.

Para Lorena Portela, a construção de políticas públicas conectando saúde e agroecologia, numa perspectiva emancipatória e coletiva, deve considerar o diálogo permanente com as experiências ativas em diferentes territórios. Daí a importância do mapeamento, que favorece a visibilidade de múltiplas vivências e projetos, ao mesmo tempo podendo fortalecer o trabalho em rede.

Para saber mais sobre os resultados, acesse o relatório <https://aba-agroecologia.org.br/resultados-saude-e-agroecologia/>

HORTOS MEDICINAIS, FARMÁCIAS VIVAS E MAIS INICIATIVAS EM UNIDADES DA FIOCRUZ



Foto: Divulgação RedesFito.

No Rio de Janeiro, uma associação de agricultoras e produtoras artesanais do Sul e Centro Sul Fluminense, em Vassouras, resgatam os saberes das tradições passadas por meio do cultivo e comercialização de plantas medicinais. Em Cachoeiras de Macacu (foto), na região metropolitana do mesmo estado, um horto medicinal vai se tornar realidade. Os dois projetos contam com o apoio da Fundação Oswaldo Cruz, por meio do Sistema RedesFito, uma iniciativa de articulação que oferece apoio técnico por meio do Centro de Inovação em Biodiversidade e Saúde de Farmanguinhos.

“No município de Cachoeiras de Macacu, o trabalho do Núcleo Jequitibá da RedesFito junto à prefeitura possibilitou a habilitação para o último edital das Farmácias Vivas do Ministério da Saúde”, conta Jefferson Santos, coordenador do Sistema Nacional RedesFito. O município passou a contar com um Programa de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, conforme decreto municipal lançado em outubro deste ano.

A parceria com a Fiocruz, por sua vez, transformará o horto da cidade num espaço voltado também às plantas medicinais, podendo contribuir com a implementação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos no SUS.

MULHERES AGRICULTORAS

“O projeto da Associação de Mulheres Agricultoras e Produtoras Artesanais das Regiões Sul e Centro Sul Fluminense (Amarsul) visa resgatar o conhecimento local sobre plantas medicinais, capacitar as agricultoras quanto às boas práticas de produção e beneficiamento, beneficiar e comercializar comunitariamente os produtos”, explica Marina Maciel, gestora do Núcleo Ypê do Sistema RedesFito. Segundo ela, recursos em editais e financiamentos coletivos foram buscados para “a estruturação da unidade de beneficiamento, visando alcançar, com a produção comunitária, novas formas mais lucrativas de comercialização”. Um horto comunitário foi estruturado em Demétrio Ribeiro, Distrito de Vassouras. As mudas das plantas medicinais foram garantidas por meio do núcleo das RedesFito.

O Núcleo Ypê trabalha para promover a inserção das plantas medicinais no mercado, fortalecendo o grupo de mulheres e a valorização do patrimônio cultural da comunidade.

A Amarsul foi formalizada em janeiro de 2020, mas com a pandemia de Co-

vid-19 instalada logo depois, as reuniões e outras atividades para expansão do grupo foram prejudicadas. Ao todo são 16 agricultoras devidamente certificadas como orgânicas ou agroecológicas, número que deve crescer, pois outras mulheres já solicitaram inclusão no grupo. “Com esse projeto, acreditamos que a comercialização será facilitada pois, poderemos alçar mercados que antes, individualmente, não conseguiríamos”, afirma Marina.

TERRAPIA

Também no Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz mantém há 23 anos o Terrapia - Alimentação Viva na Promoção da Saúde. Originada numa experiência com usuários e trabalhadores do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF) da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp), para construção de uma horta e pomar, a iniciativa cresceu e passou a integrar, em 2015, o Programa Fiocruz Saudável.

Oferece gratuitamente cursos livres de alimentação viva, agroecologia e bioconstrução, realiza oficinas e vivências dentro e fora da instituição. As práticas e trocas de conhecimento possibilitam aos voluntários e alunos um modo novo de aproveitar os nutrientes para uma alimentação saudável, promotora de saúde. Consiste em saborear uma culinária brasileira sem cozimento ao mesmo tempo em que se desenvolve uma consciência sobre o corpo, como um ecossistema que contribui para a preservação ambiental.

Saiba mais nos links abaixo.

RedesFito <https://redesfito.far.fiocruz.br>

Terrapia <https://www.terapia.com.br>

HORTA NA UBS: DIÁLOGO ENTRE A NATUREZA E O SISTEMA ÚNICO



O cultivo de plantas medicinais em unidades básicas de saúde por profissionais e usuários, como forma de ajudá-los a olhar para dentro de si e para o seu entorno, a atuarem cooperativamente, é defendida pelo médico de família Marcos Trajano (foto/divulgação). Técnico de referência em fitoterapia na Secretaria de Saúde do Distrito Federal, ele acredita que a prática da agricultura nesses espaços ajuda a melhorar a capacidade de diálogo, comportamentos, a recuperar um território que, segundo ele, está desertificado: o coração humano.

“Nenhuma prática por si só é integrativa. O que é integrativo é a nossa intenção, o nosso cuidado, o nosso amor. Com isso um alopata pode ser extremamente integrativo, quando olha o paciente como um todo”, afirmou em sua participação na live da segunda temporada do PodPICS sobre “Recuperação da vida e os cuidados nas PICS”, dia 16 de dezembro. Para Trajano, as PICS deixam de ser integrativas se ficarem restritas a procedimentos como agulhamentos e aplicação de reiki.

A relação do homem com a terra e com outros elementos, entre eles água, floresta e animais, foi apontado como fator importante no cuidado e na recuperação da vida pelo antropólogo indígena João Paulo Lima Barreto, outro convidado da live. Da etnia Tukano e co-fundador do Centro de Medicina Indígena da Amazônia, Barreto argumentou que o corpo é síntese de todos os elementos do seu entorno, estando o homem numa relação cosmopolítica. “É a partir dessa percepção que se cuida do corpo. Assim, o conceito de saúde/doença perpassa a ideia que o corpo, ou a pessoa, está numa teia de relações. Relação com o entorno, com a família, com o social, trabalho, etc. Todo esse conjunto que dá sentido à qualidade de vida, do ponto de vista indígena”. E completou: “O corpo não é simplesmente biológico”.

Madel Luz, estudiosa das racionalidades médicas, completou o trio de debatedores da live. As colocações dela no programa podem ser conferidas no [canal do](#)

[ObservaPICS no Youtube](#). O texto escrito pela socióloga especialmente para esse debate - Vida, saúde, práticas integrativas e cuidado em saúde: alguns pontos de definição para a ação do cuidado centrado na percepção de saúde – [integra uma coleção acessível no site do ObservaPICS](#), mesmo local onde estão todos os programas das duas temporadas do podcast. Visite <http://observapics.fiocruz.br/podpics/>



TROCA DE SABERES FORTALECENDO CANTEIROS E REDES DE CUIDADOS

O professor Nelson Filice de Barros (foto), coordenador do Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde (Lapacis) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP), tem se dedicado nos últimos cinco anos a um projeto de pesquisa e extensão, nesse município, que estimula a criação de Farmácias Vivas atreladas a uma troca de saberes e redes de cuidados, agregando profissionais de saúde, gestores e moradores das comunidades. Nessa proposta não há lugar para silenciamentos, nem assimilação. O principal é “fazer juntos”, tentar estimular o uso seguro do potencial terapêutico das hortas domésticas e das UBS, mas sem desrespeitar a cultura local repassada de geração a geração. Em conversa com Veronica Almeida, do ObservaPICS, ele relata a experiência, explicando especificidades desse trabalho que deve desaguar num projeto aplicável em outros municípios brasileiros.

O início da experiência em Campinas

“Em 2015 a gente começou a trabalhar com a questão das plantas medicinais brasileiras no Lapacis, a partir do projeto de doutorado da farmacêutica Renata Cavalcanti Carnevale. Propus que ela trabalhasse com as plantas porque há bastante tempo tínhamos o desejo de desenvolver esse tema, uma das maiores riquezas da nossa natureza, brasileira sobretudo, até então pouco explorado no nosso laboratório. Com o projeto de Carnevale sobre Farmácias Vivas, criamos o Grupo de Trabalho de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Ao saber do grupo, outras pessoas da universidade começaram a se interessar e, imediatamente, iniciamos diálogo e aproximação em torno da questão. Na Unicamp há um espaço chamado Mandala, um conjunto de canteiros em forma de mandala construído por um ex-professor do Instituto de Biologia nos anos de 1990, para cultivo de plantas medicinais, e que por um tempo ficou abandonado. “Nos aproximamos do pessoal que estava recuperando a Mandala e com outros setores, pessoas interessadas em plantas medicinais, que atuavam no Centro de Saúde da comunidade acadêmica e na Faculdade de Ciências Farmacêuticas.”

Ultrapassando os muros da universidade

“Reunimos os grupos internos e iniciamos imediatamente o diálogo para fora da universidade. Na Prefeitura de Campinas existe desde a década de 1990 um programa de plantas medicinais. Criamos o GT então com diferentes pessoas da Unicamp, da prefeitura, da Embrapa, da Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável (antiga Cati), de outras universidades, como a Universidade Paulista a Faculdade de Jaguariúna, bem como com a Fundação Paula Souza. A intenção inicial era criar Farmácias Vivas na universidade como meio de ensino para os estudantes, trabalhadores, quem usa e gosta das plantas medicinais, como também apoiar um programa já existente no SUS. A maior parte dos formados na área de saúde conclui a graduação com pouquíssimo conhecimento sobre as plantas medicinais. Ao começar esse trabalho identificamos o interesse de profissionais das unidades de saúde em criar Farmácias Vivas.”

A parceria com o SUS na extensão

“Escrevemos um projeto de extensão para dar suporte às Unidades Básicas de Saúde em Campinas na implantação das



Imagem: ObservaPICS.

Farmácias Vivas. Durante o primeiro momento trabalhamos com 18 UBS do SUS. Por um ano fizemos capacitação sobre o solo, cultivo das plantas, como obter as mudas, realizar o manejo e outros temas. Depois nos dedicamos à produção dos canteiros e compra de insumos. Tivemos pouco recurso. Conseguimos inicialmente cerca de R\$ 10 mil da Pró-Reitoria de Extensão da Unicamp e, com a premiação do projeto em congressos do Conselho de Secretarias Municipais de Saúde de São Paulo (Cosems) e do Conselho Nacional das Secretarias Municipais de Saúde (Conasems), passamos a investir em novas iniciativas.”

“Por um ano fizemos capacitação sobre o solo, cultivo das plantas, como obter as mudas, realizar o manejo”

Nelson Filice de Barros

Redes de Farmácias Vivas no município

“Em um segundo momento passamos a desenvolver o ciclo de visitas visando fortalecer o projeto no município

continua na próxima página ▶

▼ continuação

pio. A existência das Farmácias Vivas nas unidades de saúde é contra hegemônica e identificamos que uma possibilidade de fortalecer esses projetos era visitarmos as farmácias. Todos nós das diferentes instituições envolvidas no projeto, junto com os gestores, trabalhadores e usuários das unidades básicas do SUS, visitamos e fomos visitados para mostrar a existência das iniciativas e fortalecer o projeto na rede municipal de saúde, criando um programa que extrapolava a universidade e o território de cada unidade. O objetivo principal da proposta foi criar e manter essas Farmácias Vivas. Identificamos então a necessidade de um estudo permanente sobre as plantas medicinais. E para dar suporte a isso, participamos da elaboração de uma cartilha com as 30 principais plantas medicinais utilizadas nas UBS de Campinas. Seguimos como projeto de extensão mirando desenvolver duas ideias: criar a rede das Farmácias Vivas do município e ao mesmo tempo fazer o terceiro passo, que é o de criar redes de cuidados nos territórios."

Projeto social mais do que terapêutico

"Muitas pessoas, com certeza, têm canteiros com plantas medicinais em casa e as Farmácias Vivas das unidades de saúde não dão conta de produzir plantas para toda a população dos territórios. A rede de cuidados envolve os moradores que têm canteiros em casa, interesse no cultivo e conhecimento em plantas, e as farmácias implantadas nas unidades básicas de saúde. É estabelecida a rede com outras pessoas, com suporte para que criem suas Farmácias Vivas tipo 1 e seus canteiros. Dessa forma, faltando uma planta na farmácia ou numa casa, outra pessoa que cultiva a espécie pode atender a demanda no território.

Desse ponto de vista, as Farmácias Vivas são mais do que um projeto terapêutico, configuram-se como projeto social que estimula gestores, trabalhadores de saúde e usuários do sistema na criação de redes de cooperação, re-

des de colaboração, redes de saberes, redes de cuidado. Nessa perspectiva de projeto de extensão, há um encontro de aprendizagem mútua em que discutimos saberes, utilização das plantas, sempre orientando para o uso seguro, com olhar muito crítico à afirmação 'Ah é natural, não faz mal'. O natural mata, envenena, intoxica. Mas o uso seguro, por sua vez, não quer dizer necessariamente nem exclusivamente a utilização baseada em evidências científicas."

"As Farmácias Vivas são mais do que um projeto terapêutico, configuram-se como projeto social que estimula gestores, trabalhadores de saúde e usuários do sistema na criação de redes de cooperação, redes de colaboração, redes de saberes, redes de cuidado"

Nelson Filice de Barros

Interepistemicidade e saber tradicional

"A população tem usado as plantas há milhares de anos. Muitas espécies ainda não foram suficientemente investigadas e as pessoas seguem usando. Óbvio que ter a comprovação laboratorial ajuda, mas não tê-la não justifica produzir silenciamentos, invisibilidade para aquilo que as pessoas fazem. Temos por desafio construir uma interepistemicidade, uma relação entre diferentes saberes e conhecimentos e não uma produção de assimilação e de silenciamento. É mesmo um trabalho de extensão comunitária, com objetivo fundamental de aprendizagem mútua, poder trabalhar junto."

Um guia para implantar Farmácia Viva

"Com base nessa experiência em Campinas construímos um guia de im-

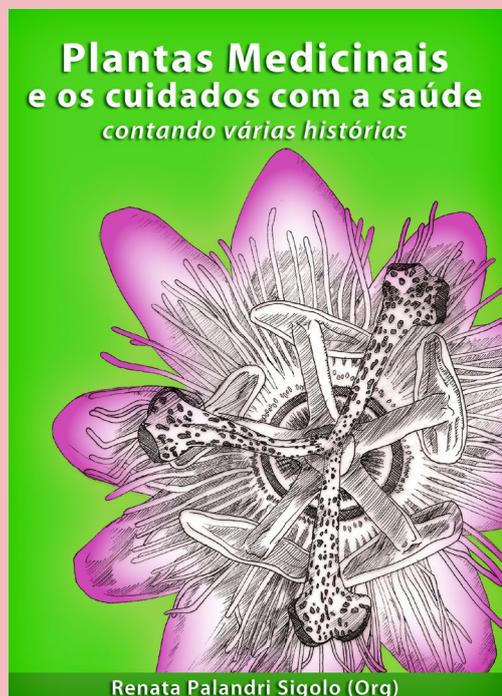
plantação de Farmácias Vivas nas unidades, explorando todos esses elementos que experienciamos. Entre eles, o tremendo interesse que a comunidade tem por plantas medicinais - se abrir um grupo, muitas pessoas vão se aproximar -, como criar isso nas unidades, as necessidades demandadas e superadas, as negociações necessárias, como fazer a criação e a manutenção desse projeto nas unidades e nos territórios. Escrevemos esse guia, essa modelagem, orientando trabalhadores e gestores, como também usuários, porque foi nosso desejo adotar uma linguagem muito clara, objetiva e direta, com bastante explicitação sobre aquilo que a gente acredita a partir das experiências. Com isso, a gente imagina poder auxiliar a criação de Farmácias Vivas nas unidades de saúde, mas num movimento social em que o programa de fitoterapia é orientado pela noção de redes, onde há relação entre os serviços e os moradores, fortalecendo o diálogo, as trocas e as equipes nos territórios."

Autonomia comunitária

"O projeto tem uma dimensão maior que implantar farmácia e canteiros numa unidade. Se a gente consegue identificar pessoas que gostem disso, se interessam e aceitam assumir a produção desse programa das Farmácias Vivas em cada unidade, é muito bom. A gente entende que as Farmácias Vivas são meio de um projeto macrosocial no município e de um projeto microssocial, de rede de cuidado nos territórios. Portanto, esse projeto do Lapacis não é apenas uma proposta de pesquisa, mas um projeto necessário ao SUS numa perspectiva de extensão comunitária, possibilitando a formação de mais profissionais para o uso de plantas medicinais, o interesse da população pela experiência, recuperando, trocando saberes, criando a possibilidade de criar mais autonomia de cuidado seguro."



PLANTAS MEDICINAIS E OS CUIDADOS COM A SAÚDE



“O livro *Plantas medicinais e os cuidados com a saúde: contando histórias* é composto por vários textos de autoria da coordenadora e dos bolsistas do Laboratório de História, Saúde e Sociedade da Universidade Federal de Santa Catarina (LABHISS/UFSC) que participaram do projeto de extensão com o mesmo título. O objetivo foi produzir material que estivesse disponível principalmente aos professores desejosos em trabalhar com uma abordagem histórica do uso de plantas medicinais, como forma de provocar a reflexão sobre as várias lógicas médicas como produtos de seu tempo. Fruto da parceria da equipe do LABHISS com a equipe de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da unidade Centro I de Florianópolis entre 2011 e 2015, o projeto teve um caráter transdisciplinar, trabalhando as interfaces entre história, ciências biológicas e da saúde, ao mesmo tempo que procurava estimular atividades e reflexões sobre a horta escolar disponível naquela unidade educacional. A equipe foi composta por estudantes de história, medicina, farmácia e nutrição e contou com a contínua reflexão dos professores da EJA que, com sua metodologia específica de ensino, contribuíram para enriquecer as oficinas propostas. O livro tem 11 capítulos, abordando, por exemplo, da importância dos vegetais e das plantas medicinais no antigo Egito, Grécia, China Antiga, Idade Média, ao uso pelos indígenas brasileiros, no contexto da religiosidade, no candomblé, na Medicina Ayurvédica, e no período contemporâneo, incluindo as farmácias, a manipulação, os saberes científico e popular”, **Renata Palandri Sigolo**, doutora em história, com estudos em história da saúde, representações sociais e medicinas alternativas, professora associada da Universidade Federal de Santa Catarina.

Acesse o livro. https://www.researchgate.net/publication/343207557_Plantas_mediciniais_e_os_cuidados_com_a_saude



TCI NA COLEÇÃO CUIDADO INTEGRAL NA COVID-19

Abordando Terapia Comunitária Integrativa (TCI), a coleção Cuidado Integral na Covid-19 chegou ao seu terceiro suplemento. Traz informações sobre as origens da prática integrativa genuinamente brasileira que nasceu no Ceará, com resultados descritos na literatura. Esse e os dois primeiros cadernos, sobre Terapia Floral e Aromaterapia, estão disponíveis na página PICS & Covid do site do observatório. Atualize-se sobre os temas: observapics.fiocruz.br/covid-19.

NOVA BASE DA BVS REÚNE EVIDÊNCIAS

Sínteses de evidências sobre práticas integrativas e complementares em saúde, produzidas pela Fiocruz Brasília para a Coordenação Nacional de PICS do Ministério da Saúde, compõem a base de dados Políticas Informadas por Evidências (PIE), coordenada pelo Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme). Os documentos abordam acupuntura, auriculoterapia, meditação e yoga. Na PIE também estão mapas elaborados pela parceria Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (CABSIn)/ Rede MTCl Américas/ Bireme. Acesse: <https://sites.bvsalud.org/pie/pt/biblio>.

FORMAÇÃO EM AURICULOTERAPIA CAPACITA 15 MIL PROFISSIONAIS DO SISTEMA ÚNICO



Imagem: Divulgação/UFSC.

Com nova turma iniciada no último trimestre de 2020, o curso de auriculoterapia para profissionais com formação superior que atuam na Atenção Primária em Saúde pode atingir a marca de 15 mil formados nos últimos quatro anos. “Hoje há dez mil auriculoterapeutas habilitados em mais de mil municípios espalhados pelas cinco regiões do Brasil. Com os alunos recém matriculados, chegaremos a 15 mil quando as atividades atuais forem concluídas. É a prática que mais avançou nos últimos anos, crescendo de forma exponencial”, afirma o professor Lúcio José Botelho, do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Junto com o colega Charles Dalcanale Tesser, ele coordena o curso de auriculoterapia para o SUS.

Destinado primariamente aos profissionais de saúde da APS em todos os municípios brasileiros, a formação com módulos à distância e presenciais abrange alunos de Programas de Residência em Saúde da Família, profissio-

nais em função de matriciamento ou que são referência técnica. De acordo com Lúcio Botelho, o objetivo principal é formar pessoal que possa avançar em uma prática de baixíssimo risco e alto impacto terapêutico, atuando de forma organizada com bases científicas e suporte estrutural.

Em 2020, foi inaugurada a educação continuada em auriculoterapia, com a publicação dos cinco primeiros guias de referência organizados para os egressos do curso, mas que podem ser consultados por novos alunos. O conjunto de recomendações refere-se à aplicação da prática como tratamento complementar da insônia, ansiedade, tabagismo, obesidade e lombalgia – condições frequentes atendidas nos postos de saúde. Os [cinco guias](#) foram elaborados por professores da UFSC.

“Essas recomendações foram elaboradas a partir de revisão sistemática, são protocolos baseados em evidências de estudos clínicos”, explica Daniel Amado, coordenador da CNPICS/Ministério da Saúde. Segundo ele, com

esse complemento ao conteúdo regular do curso, espera-se “subsidiar os profissionais de saúde no tratamento dos usuários, ampliando, dessa forma, a resolutividade para problemas de alta prevalência na atenção primária do SUS, nas comunidades”.

Para cada situação de saúde, as recomendações justificam os pontos auriculares sugeridos (textualmente e mostrados por meio de ilustração), indicam o tempo de tratamento e as fontes consultadas, no caso, os trabalhos científicos que embasam as indicações. O leitor tem acesso às sínteses e aos guias completos, com mais de cem páginas de informação, em média, para cada condição de saúde.

São autores das publicações os professores e pesquisadores Luciana Kiehl Noronha, Andrea Ruschel Träsel, Ari Ojeda Ocampo More, João Eduardo Marten Teixeira, Maria Gorete Monteguti Savi, Charles Dalcanale Tesser, Melissa Costa Santos, Emiliana Domingues Cunha da Silva, Fátima Terezinha Pelachini Farias e Lucio José Botelho.

PESQUISA PICCOVID RECEBEU MAIS DE 12 MIL RESPOSTAS

Mais de 12 mil brasileiros participaram da pesquisa *Uso de Práticas Integrativas e Complementares no contexto da Covid-19 (PICCovid)*, iniciada no dia 25 de agosto de 2020 numa parceria do Laboratório de Informação em Saúde (LIS) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fiocruz, da Faculdade de Medicina de Petrópolis (FMP/Unifase) e do ObservaPICS.

A fase de escuta foi encerrada no dia 18 de dezembro de 2020, com participação de todas as regiões do país. Predominaram as respostas de moradores do Sudeste e Nordeste, regiões mais populosas. O formulário eletrônico, com perguntas sobre as condições de vida durante a pandemia e uso de práticas integrativas em saúde, recebeu 12.531 respostas. Mas numa primeira análise para remoção de inconsistências, foram consideradas válidas 12.145.

Segundo o coordenador do estudo, Cristiano Siqueira Boccolini, pesquisador em saúde pública do Laboratório de Informação em Saúde (LIS) do Icict, está sendo iniciada a etapa de análise do banco de dados. Considerada o maior estudo sobre práticas integrativas realizado no Brasil, a pesquisa ouviu maiores de 18 anos por meio de questionário on-line. Espera-se que a investigação esclareça como as práticas integrativas estão sendo utilizadas pela população durante o distanciamento social, fortalecendo a pesquisa no campo. Dessa forma, os pesquisadores acreditam que os resultados contribuam para a avaliação e qualificação da política pública de saúde.



OBSERVATÓRIO ATUALIZA BASES E PREPARA MAPA INTERATIVO

Usuários da seção [Ciência Aberta](#) do ObservaPICS vão contar a partir deste mês com mais informação e possibilidades. O observatório está disponibilizando uma ferramenta no site que possibilita a criação de mapas interativos. Além disso, serão atualizadas as informações sobre grupos de pesquisa em PICS cadastrados no diretório do CNPq. Um formulário, para inclusão de novos grupos, está sendo aberto.

Atualmente é possível encontrar informações sobre os 177 grupos que, no primeiro levantamento, em 2019, afirmaram possuir linhas de pesquisa em PICS. Dados como objetivos das equipes de pesquisadores, identificação do líder, linhas de pesquisa e outros compõem a base.

Na mesma seção é possível acessar uma lista de experiências em PICS do Banco de Práticas e Soluções em Saúde e Ambiente do IdeiaSUS/Fiocruz, além de conteúdos do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ) sobre o tema.

Para pesquisar, clique em <http://observapics.fiocruz.br/ciencia-aberta/>



SAÚDE INTEGRATIVA EXIGE SUS FORTE

Com dois vídeos divulgados em redes sociais, o Observatório convoca a comunidade das práticas integrativas e complementares em saúde a reforçar a campanha “O Brasil precisa do SUS”, da Frente Pela Vida. As PICS são parte dessa ação pública que efetiva o direito à vida de forma integral. “Política de práticas integrativas só se faz com um SUS universal e solidário”, afirma Islândia Carvalho, coordenadora do ObservaPICS. Acesse [youtube.com/ObservaPICS](https://www.youtube.com/ObservaPICS).



III CONGREPICS SERÁ 100 % ON-LINE

O III Congresso Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e Saúde (CONGREPICS) está confirmado para os dias 4, 5, 6 e 7 de setembro deste ano. Mas nessa edição de 2021, toda a programação será pela internet, em razão da pandemia de Covid-19. O maior evento da área realizado no país terá como tema os 15 anos da Política Nacional de PICS e o diálogo entre pesquisa, ensino e cuidado em saúde. Acompanhe em [instagram.com/redepicsbrasil](https://www.instagram.com/redepicsbrasil).